

CRAIG L. BLOMBERG

JESUS, O PURIFICADOR

O Evangelho de João
e a quarta busca pelo
Jesus histórico


VIDA NOVA

SUMÁRIO

<i>Reduções gráficas</i>	9
<i>Prefácio</i>	11
Introdução	15
1. A busca original pelo Jesus histórico	21
2. Nenhuma busca e nova busca?	51
3. O início da terceira busca com um Jesus judeu	85
4. O Jesus Seminar e seus semelhantes: um retrocesso no tempo	119
5. A terceira busca se exauriu?	149
6. O prenúncio da quarta busca: a reabilitação do Evangelho de João	191
7. Purificação, batismo e transformação em João 1—4	233
8. A purificação começa a mudar em João 5—11	269
9. A pureza ritual se dissipa em João 12—21	299
10. A pureza e o Jesus histórico dos Sinóticos	341
Conclusão	379
<i>Índice de autores</i>	389
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	395
<i>Índice de fontes antigas</i>	399

REDUÇÕES GRÁFICAS

Gerais

cf.	confira, compare
cap(s).	capítulo(s)
e.g.	<i>exempli gratia</i> , por exemplo
esp.	especialmente
gr.	grego
hebr.	hebraico
i.e.	<i>id est</i> , isto é
lit.	literalmente
n.	número
N.	nota
orig.	original
paral.	paralelo(s)
p.	página(s)
reimpr.	reimpressão
rev.	revisado
s.v.	<i>sub verbo</i> , sob o verbete
tb.	também
v.	versículo(s)

Versões contemporâneas

ASV	American Standard Bible
CEB	Common English Bible
CJB	Complete Jewish Bible
CSB	Christian Standard Bible
ESV	English Standard Version
KJV	King James Version
NAB	New American Bible
NASB	New American Standard Bible
NET	New English Translation
NIV	New Internacional Version
NJB	New Jerusalem Bible
NKJV	New King James Version
NLT	New Living Translation
NRSV	New Revised Standard Version
REB	Revised English Bible
RSV	Revised Standard Version

Fontes antigas

<i>Ant.</i>	Josefo, <i>Antiguidades dos judeus</i>
-------------	--

<i>b.</i>	<i>Talmude Babilônico</i>
<i>Did.</i>	<i>Didaquê</i>
<i>Flaccus</i>	Filo, <i>Contra Flaccus</i>
<i>Evang. Tomé</i>	<i>Evangelho de Tomé</i>
<i>G. J.</i>	Josefo, <i>Guerra dos judeus</i>
<i>m.</i>	<i>Mishná</i>
<i>Mart. Pol.</i>	<i>Martírio de Policarpo</i>
<i>Hist. Nat.</i>	Plínio, <i>História natural</i>
<i>Naz.</i>	<i>Tratado de Nazir</i>
<i>Nid.</i>	<i>Tratado de Nida</i>
<i>Obol.</i>	<i>Tratado Obalot</i>
<i>P.Oxy.</i>	<i>Papiros de Oxirrincó</i>
<i>Ps.-Clem., Rec.</i>	Pseudo-Clemente, <i>Reconhecimentos</i>

Fontes secundárias: periódicos, obras de referência e séries

AB	Anchor Bible
<i>AJT</i>	<i>Asia Journal of Theology</i>
<i>ATR</i>	<i>Anglican Theological Review</i>
<i>BBR</i>	<i>Bulletin for Biblical Research</i>
BDAG	BAUER, W.; DANKER, F. W.; ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. W. <i>Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature</i> . 3. ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2000).
<i>Bib</i>	<i>Biblica</i>
<i>BibInt</i>	<i>Biblical Interpretation</i>
BNTC	Black's New Testament Commentaries
<i>BR</i>	<i>Biblical Research</i>
<i>BSac</i>	<i>Bibliotheca Sacra</i>
<i>BTB</i>	<i>Biblical Theology Bulletin</i>
<i>BZ</i>	<i>Biblische Zeitschrift</i>
<i>CBQ</i>	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
<i>ChrRJ</i>	<i>Christian Research Journal</i>
<i>CT</i>	<i>Christianity Today</i>

<i>CTR</i>	<i>Criswell Theological Review</i>	NICNT	New International Commentary on the New Testament
<i>CurBR</i>	<i>Currents in Biblical Research</i>		
<i>CurBS</i>	<i>Currents in Research: Biblical Studies</i>	NIGTC	New International Greek Testament Commentary
<i>DRCH</i>	<i>Dutch Review of Church History</i>		
<i>DSD</i>	<i>Dead Sea Discoveries</i>	NIVAC	NIV Application Commentary
<i>EC</i>	<i>Early Christianity</i>	<i>NovT</i>	<i>Novum Testamentum</i>
<i>ECC</i>	Eerdmans Critical Commentary	NTL	New Testament Library
<i>EGGNT</i>	Exegetical Guide to the Greek New Testament	<i>NTS</i>	<i>New Testament Studies</i>
		PNTC	Pillar New Testament Commentary
<i>EstBib</i>	<i>Estudios Biblicos</i>		
<i>EstTeo</i>	<i>Estudios Teológicos</i>	<i>Presb</i>	<i>Presbyterion</i>
<i>ETL</i>	<i>Ephemerides Theologicae Lovanienses</i>	<i>PRS</i>	<i>Perspectives in Religious Studies</i>
		<i>RB</i>	<i>Revue Biblique</i>
<i>EvQ</i>	<i>Evangelical Quarterly</i>	<i>RevExp</i>	<i>Review and Expositor</i>
<i>ExpTim</i>	<i>Expository Times</i>	<i>RHPR</i>	<i>Revue d'Histoire et de Philosophie Religieuses</i>
<i>HTR</i>	<i>Harvard Theological Review</i>		
<i>HTS</i>	<i>Hervormde Theologische Studies</i>	RNT	Reading the New Testament
<i>IBS</i>	<i>Irish Biblical Studies</i>	<i>RSR</i>	<i>Revue de Sciences Religieuses</i>
<i>ICC</i>	International Critical Commentary	<i>SCJ</i>	<i>Stone-Campbell Journal</i>
		<i>ScrTh</i>	<i>Scripta Theologica</i>
<i>IVPNTC</i>	IVP New Testament Commentary	<i>SEÅ</i>	<i>Svensk Exegetisk årsbok</i>
<i>JAAR</i>	<i>Journal of the American Academy of Religion</i>	SGBC	Story of God Bible Commentary
		<i>SIDA</i>	<i>Scripta Instituti Donneriani Aboensis</i>
<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>		
<i>JECH</i>	<i>Journal of Early Christian History</i>	<i>SJT</i>	<i>Scottish Journal of Theology</i>
<i>JETS</i>	<i>Journal of the Evangelical Theological Society</i>	<i>SNTSU</i>	<i>Studien zum Neuen Testament und seiner Umwelt</i>
		SP	Sacra Pagina
<i>JGAR</i>	<i>Journal of Gospels and Acts Research</i>	<i>SVTQ</i>	<i>St. Vladimir's Theological Quarterly</i>
<i>JGRChJ</i>	<i>Journal of Greco-Roman Christianity and Judaism</i>	<i>TBei</i>	<i>Theologische Beiträge</i>
		<i>Them</i>	<i>Themelios</i>
<i>JJMJS</i>	<i>Journal of the Jesus Movement in Its Jewish Setting</i>	<i>TJ</i>	<i>Trinity Journal</i>
		<i>TLZ</i>	<i>Theologische Literaturzeitung</i>
<i>JJS</i>	<i>Journal of Jewish Studies</i>	TNTC	Tyndale New Testament Commentaries
<i>JSHJ</i>	<i>Journal for the Study of the Historical Jesus</i>		
		<i>TU</i>	<i>Texte und Untersuchungen</i>
<i>JSJ</i>	<i>Journal for the Study of Judaism</i>	<i>TynBul</i>	<i>Tyndale Bulletin</i>
<i>JSENT</i>	<i>Journal for the Study of the New Testament</i>	<i>TZ</i>	<i>Theologische Zeitschrift</i>
		WBC	Word Biblical Commentary
<i>JSP</i>	<i>Journal for the Study of the Pseudepigrapha</i>	WestBC	Westminster Biblical Companion
		<i>WTJ</i>	<i>Westminster Theological Journal</i>
<i>JSQ</i>	<i>Jewish Studies Quarterly</i>	<i>WW</i>	<i>Word and World</i>
<i>JTS</i>	<i>Journal of Theological Studies</i>	ZECNT	Zondervan Exegetical Commentary on the New Testament
<i>LS</i>	<i>Lowain Studies</i>		
<i>NAC</i>	New American Commentary		
<i>NBf</i>	<i>New Blackfriars</i>	<i>ZKT</i>	<i>Zeitschrift für katholische Theologie</i>
<i>NCB</i>	New Century Bible	<i>ZNW</i>	<i>Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft</i>
<i>NCBC</i>	New Century Bible Commentary		
<i>NCCS</i>	New Covenant Commentary Series		
<i>Neot</i>	<i>Neotestamentica</i>	<i>ZTK</i>	<i>Zeitschrift für Theologie und Kirche</i>

PREFÁCIO

Em janeiro de 2011, tive o privilégio de lecionar uma disciplina para os graus de mestrado e doutorado sobre as buscas pelo Jesus histórico, no Golden Gate Baptist Seminary, em São Francisco. Anunciei, confiante, que eles estavam recebendo os resultados de minha pesquisa inicial para um livro sobre aquele tema que eu escreveria “ao longo dos próximos anos”. Se alguém dentre os meus alunos chegou a se lembrar daquela afirmação, provavelmente concluiu, há muito tempo, que eu era um falso profeta! Projetos sucessivos se interpuseram no caminho, geralmente a pedido de terceiros, de forma que o ritmo de meu trabalho nesse livro diminuiu até quase parar.

No entanto, em 2016, o Denver Seminary inaugurou um programa de ThM [Mestrado em Teologia], em que uma das áreas e especialização era o de Estudos no Novo Testamento. Decidimos que uma das disciplinas obrigatórias seria sobre o Jesus histórico e, assim, minha pesquisa ganhou novo fôlego. Atualmente, leciono essa disciplina a cada dois anos sempre no outono. Mesmo como professor emérito e lecionando somente uma disciplina a cada semestre, esta será a disciplina que ministrarei cada segundo ano, pelo tempo que os responsáveis assim o desejarem. Minhas anotações, esboços e materiais da disciplina se avolumaram. No outono de 2019, um período sabático para pesquisa no Tyndale House, Cambridge, se mostrou absolutamente imprescindível ao longo dessa trajetória. Sou grato ao corpo docente, à administração e ao conselho de gestores do Denver Seminary por me concederem esse período especial — meu último sabático remunerado antes da aposentadoria.

Como tem sido nos últimos anos, devo muito a uma série de assistentes de pesquisa que me auxiliaram consideravelmente, em particular Hannah Pachal, que agora é minha colega no seminário, como professora adjunta de Novo Testamento. Darlene Seal também se mostrou prestativa em diversos setores, mesmo durante o estágio final de seu PhD na McMaster Divinity College, em Hamilton, Ontário. Estou empolgado por ela se juntar ao nosso corpo docente, em

tempo integral, a partir do outono de 2022, ao mesmo tempo em que me retiro de diversas de minhas responsabilidades aqui.

A biblioteca Carey S. Thomas, em nosso campus, continua sendo de imensa ajuda, especialmente na aquisição de muitas versões eletrônicas de obras importantes e participando da crescente Digital Theological Library. Nosso serviço de empréstimos entre bibliotecas também é de uma eficiência notável, pelo qual eu devo um agradecimento especial a Omee Thao. Como muitos de nós descobrimos durante a pandemia da COVID, o luxo da digitalização de recursos da biblioteca veio na hora certa para evitar que nossas pesquisas e nossos esforços de trabalho autoral beirassem a paralisação total. Também sou grato a Peter Williams e a toda equipe do Tyndale House, Cambridge, por sempre proporcionarem em suas dependências um ambiente tão favorável a pesquisas avançadas.

Eu não me recordo em qual conferência, nem em que continente, conheci Paul Anderson, da George Fox University, em Oregon. Ao longo dos anos, tivemos diálogos maravilhosos, especialmente nas reuniões da Society of Biblical Literature e da Studiorum Novi Testamenti Societas. Paul foi muito gentil ao me enviar de presente exemplares de seus livros, nas décadas de 1990 e 2000, e foi por meio dele que conheci o seminário “João, Jesus e a história”, da Society of Biblical Literature. De fato, ele tem sido, sem dúvida, o principal precursor individual do que agora é reconhecido, até mesmo em alguns círculos fora dos seminários, como a “quarta busca pelo Jesus histórico”. Eu soube, há muitos anos, que ele estava trabalhando em um livro de grande relevância sobre Jesus a partir dessa perspectiva, e eu tinha esperanças de que ele viria a lume a tempo de que eu pudesse lê-lo e digeri-lo cuidadosamente e, por conseguinte, interagir com ele e nele me fundamentar para esta obra. Isso não aconteceu, embora Paul me diga que ainda existe uma boa possibilidade de que ele seja publicado (pela Eerdmans) antes do meu. Sinceramente espero que isso aconteça, pois escrevi me fundamentando, conscientemente, na sua obra até o momento, embora haja, é claro, diversos detalhes em seu novo livro de que eu não terei conhecimento a tempo de interagir aqui. Mesmo assim, se existe alguém que merecia escrever um livro para *introduzir* os leitores à quarta busca, esse alguém é Paul. O meu livro se apresenta na expectativa de tão somente expandi-lo.

Por causa de toda a sua influência pioneira e de seu encorajamento profissional e pessoal, dedico esta obra a Paul Anderson, na esperança de que Deus lhe conceda ainda muitos anos de estudos acadêmicos e de serviço. É nessa conjuntura que os livros cristãos acadêmicos são cada vez mais benéficos, em inglês

ou latim, “mas a Deus seja toda a glória”. Não discordo nem um pouco dessa perspectiva. Recordo-me, porém, de que um de meus colegas geralmente finaliza suas orações públicas com as palavras: “Oramos tudo isso em nome de Jesus, mas para o nosso bem”. Também me lembro das duas versões da singela oração luterana das refeições, com as quais eu cresci. Uma delas dizia: “Vem, Senhor Jesus, sê nosso convidado; que este alimento seja por ti abençoado”. Na outra versão, “por ti” era substituído por “para nós”. Eu sempre achei que ambas eram profundamente verdadeiras. Se Deus recebe toda a glória por um livro específico, penso que os leitores deveriam usufruir de todo o seu benefício. Esta, pelo menos, é a minha oração para este livro.

INTRODUÇÃO

Há quarenta anos, na primeira versão completa de minha tese de doutoramento, iniciei minha introdução com as palavras: “A busca pelo Jesus histórico segue inabalável”. Quando mostrei essa versão para minha esposa, ela riu alto. Ela se lembrou, ao contrário de mim, que minha dissertação de mestrado começava exatamente com a mesma frase. Substituí, então, por algo um pouco diferente. Desde o início da década de 1950 até o fim da década de 2000, seria possível iniciar praticamente qualquer trabalho acerca das pesquisas sobre Jesus com essa mesma frase de abertura. Na verdade, o Jesus histórico tem interessado a um grande número de estudiosos há quase 250 anos. Já os estudos sobre o assunto, no entanto, têm seus altos e baixos. Desde o início da década de 2010 até o presente, não houve tantos livros sobre o Jesus histórico quanto nas seis décadas anteriores, e menos ainda que alcançaram valor ou influência considerável. Pela primeira vez em muito tempo, um número significativo de pessoas tem indagado se a academia fez tudo o que podia em sua busca — com exceção, talvez, dos estudos com foco bem específico em uma ou duas áreas da vida de Jesus, ou baseados em passagens muito específicas dos Evangelhos.

Foram raros os momentos em que houve tamanha compartimentalização dos estudos do Novo Testamento, tal como vemos hoje, juntamente com o que tenho ouvido ser chamado “conglomerado” de pesquisadores, conforme as abordagens de seu método ou métodos preferidos. É possível seguir feliz e de modo produtivo como especialista em uma única área bem restrita e, ao mesmo tempo, manter-se completamente alheio, em boa medida, à maior parte dos estudos acadêmicos do Novo Testamento fora daquele campo ou metodologia. O montante de material que surge continuamente, tanto impresso quanto online, parece crescer exponencialmente de um ano para outro. Quem seria capaz de manter-se atualizado? Alguns continuam tentando; outros param de tentar, mas publicam suas ideias mesmo assim! Um dos exemplos mais significativos dessas tendências diz respeito às pesquisas do Jesus histórico e dos estudos joaninos.

Ao ler os livros e artigos sobre Jesus, da década de 1960 até o presente, é difícil imaginar que, durante esse mesmo período, toda uma subdisciplina de análise do Evangelho de João estava restaurando a confiabilidade histórica de partes centrais daquele evangelho.

O presente livro tem dois objetivos principais. O primeiro é narrar partes importantes da história daquilo que geralmente se considera como as três buscas pelo Jesus histórico (ou três etapas de uma mesma busca), desde o fim do século 18 até o presente. Uma obra enorme, em dois volumes, compondo mais de 1.400 páginas, tem sua publicação prevista para agosto de 2022, pela Zondervan — tarde demais para ser consultada. Ela originou-se da pesquisa iniciada por Colin Brown, que a conduziu até quase terminá-la. A obra foi completada, editada e atualizada por Craig Evans. Assim, *A history of the quests for the historical Jesus* [Uma história das buscas pelo Jesus histórico] será, sem dúvida, uma obra de referência definitiva para os próximos anos, embora o número de pessoas que a lerão do começo ao fim, provavelmente, seja limitado. Tenho esperanças de que a pesquisa mais suscinta, em cinco capítulos, que ofereço aqui seja mais acessível a uma audiência ampla. Como as pessoas têm contado essa história até aqui? Como essa história carece de correções ou suplementações? Quem são os principais personagens até aqui, e qual é o cerne de suas contribuições? O que foi ignorado, em grande parte, ao longo da empreitada? Aqui figuram respostas importantes para essas perguntas.

Os últimos cinco capítulos lidam com meu segundo objetivo: determinar de que forma podemos avançar na busca. Aquilo que foi apelidado de “novo olhar sobre João”, no final da década de 1950, se desdobrou em uma quarta busca em franco desenvolvimento — uma busca que concede ao Quarto Evangelho paridade com os Evangelhos Sinóticos nas investigações pelo Jesus da história. Isso não significa que se espera uma contribuição equivalente de cada *corpus* na composição do retrato do Jesus da história. Significa, na verdade, que, uma vez que alguém tenha se decidido quanto aos seus métodos, incluindo o uso ou descarte de diversos critérios de autenticidade, deve aplicá-los igualmente, de maneira geral, aos quatro Evangelhos. Pode acontecer que se extraia mais de um Evangelho do que de outro, mas não se deve fazer juízo antecipado sobre essa questão, semelhantemente ao que quase todos têm feito desde a década de 1840. Depois de esboçar, no capítulo 6, esses desdobramentos nos estudos joaninos, dedico três capítulos à aplicação de um método específico para investigar rigorosamente o Quarto Evangelho, a fim de observar o que pode ter sido ignorado pelos estudos

baseados exclusivamente nos Sinóticos. Enfatizo um dos principais resultados desse empenho: o papel de Jesus e da pureza, incluindo a pureza ritual.

Pureza e impureza rituais não são muito conhecidas nem compreendidas de maneira adequada, em especial no mundo ocidental, em que hoje temos poucas analogias que lhes são próximas. Assim, antes de nos voltarmos para a análise de textos-chave, precisamos de determinada quantidade de informações contextuais que será apresentada na primeira parte do capítulo 7. O restante dos capítulos 7, 8 e 9 se ocupará com as passagens relevantes de João, a fim de observar o que desponta. O último e principal capítulo do livro compara nossas descobertas com a apresentação sinótica de Jesus e da pureza, ao menos naquelas passagens, ou porções delas, que, com maior probabilidade, têm sua origem nas partes mais antigas e autênticas da tradição de Jesus. Os Sinóticos revelam um Jesus relativamente radical, bem distante das observâncias minuciosas das leis de pureza — ou, pelo menos, assim é o que parece à primeira vista. Um escrutínio mais cuidadoso pinta um retrato um pouco mais nuançado, mas é somente no Evangelho de João que vemos a existência de uma trajetória de desenvolvimento na abordagem de Jesus à questão. Assim, somente quando as passagens relevantes são despidas de suas porções editoriais mais prováveis que a trajetória se mostra mais clara. No início de seu ministério público, Jesus está firmemente integrado ao ministério ritual purificador de João Batista, rematado com o batismo na água. Aos poucos, porém, ele se afasta dessa ênfase, realçando a pureza moral e ética — um batismo espiritual, por assim dizer. Esse tema segue com proeminência considerável até sua última viagem a Jerusalém, sua paixão e ressurreição, quando o motivo se recolhe a um canto diminuto do quadro geral. Ainda assim, a própria ressurreição, narrada com detalhes em João, é um ato imensamente purificador.

Em uma obra anterior sobre as refeições de Jesus com os pecadores, observei a forma que o tema da “santidade contagiosa” caracterizava o comportamento de Jesus.¹ Em vez do modelo comum do Antigo Testamento — intensificado, especialmente, no judaísmo do Segundo Templo — de presumir que uma influência só pode fluir em um sentido (da impureza ritual e moral dos ímpios em direção aos justos, a fim de corrompê-los), Jesus ensinou e demonstrou que os puros poderiam ajudar a tornar puros os impuros. A depuração pode fluir dos justos para os injustos. O desfecho deste livro é a extensão daquela observação a todas

¹*Contagious holiness. Jesus' meal with sinners* (Downers Grove: InterVarsity, 2005) [publicado em português por Menon Press sob o título *Santidade contagiante: Jesus à mesa com pecadores*].

as grandes áreas de purificação impactadas pelo ensino de Jesus e seu estilo de vida, e não somente ao contexto daqueles com quem se compartilha uma refeição. Este livro também apresenta um modelo de abordagem para o estudo aprofundado do Evangelho de João, em busca de informações históricas, cuja utilização traz a possibilidade de se acrescentar outros temas ao nosso “banco de dados” do Jesus autêntico.

O estudo do Jesus da história é realizado em uma disciplina que, intencionalmente, não pressupõe a fé cristã. Há muitos que, ao longo das buscas, partem do pressuposto que tudo aquilo que não passa por seu crivo histórico simplesmente não aconteceu, o que é um grande *non sequitur* e uma gafe histórica. Grande parte dos vestígios de história antiga que nos permitiriam a confirmação dos Evangelhos em detalhes simplesmente se perdeu para sempre. Pela mesma razão, uma parcela daquilo que consideramos fato histórico poderia se revelar falso, caso tivéssemos mais evidências disponíveis. A história, por sua própria natureza, avalia probabilidades, e jamais deveria reivindicar certezas, embora algumas coisas alcancem um patamar de certeza elevado o bastante para serem consideradas praticamente certas. Inúmeros outros itens, porém, não o alcançam. Assim, estudiosos do Jesus histórico não precisam limitar os fatos acerca de Jesus que acreditam ser verdade à parte que pode ser defendida historicamente, tampouco este livro alega que somente as porções do Quarto Evangelho que passam pelo nosso crivo realmente aconteceram. Contudo, a autenticação de determinadas partes desse Evangelho por meio de critérios históricos pode fornecer às pessoas uma segurança ainda maior na confiabilidade desses trechos. Se eles compõem uma porção grande o suficiente de um livro, então a confiança em outros trechos, menos verificáveis, pode ainda assim se mostrar a escolha mais racional.

À questão incômoda que Albert Schweitzer levantou acerca da reconstrução que alguém faz de Jesus à sua própria imagem, devo responder que a categorização de Jesus como purificador não esteve entre as minhas dez principais escolhas durante os meus primeiros cinquenta anos de vida. Além disso, embora eu sempre tenha me empenhado, de alguma forma, em modelar a vida cristã de maneira cativante, sou introvertido o suficiente para duvidar que algum dos meus amigos mais próximos me descreveria como alguém que sai por aí em busca do maior número possível de pessoas com a vida bagunçada, na esperança de adquirir alguma influência sobre elas, nas áreas de vida em que eu esteja menos desconjuntado. Tenho sido bastante desafiado pelas minhas descobertas, e espero me aprimorar nos anos que ainda me restam. Mas o argumento principal deste livro

não consagra, por certo, um conceito com o qual cresci ou que me foi conscientemente ensinado em alguma escola ou igreja, e tenho observado que esse segmento do cristianismo evangélico, em que estou mais envolvido, tende a se preocupar mais em distanciar-se daquilo que seus integrantes concebem como “a corrupção do mundo” do que em aventurar-se em áreas desconhecidas e “assumir riscos em nome de Deus”. Mas também conheci diversas exceções a essa generalização e já tive vislumbres de amigos e conhecidos cristãos que foram as pessoas mais amorosas, extrovertidas, perdoadoras e sacrificiais que já conheci. Já participei de igrejas e ministérios para-eclésiásticos com um número significativo de pessoas assim, e os resultados de seus ministérios geralmente têm sido positivos no sentido contracultural. Em uma época em que cristãos, em diversas partes do mundo, incluindo o local onde moro, são consideravelmente menos respeitados do que costumavam ser — uma parte desse desrespeito, ao menos, é merecida — o potencial de um impacto positivo por meio de modelos cristãos genuínos e sinceros de convivência com os outros torna-se imenso e de grande importância.

Minha conclusão reunirá mais alguns desses elementos. Por ora, entre em sua máquina do tempo, esteja preparado para um passeio rápido pelos últimos dois séculos e meio, e se surpreenda com as abordagens multifacetadas que os acadêmicos adotaram em relação a Jesus de Nazaré. Vista seu chapéu de pensamento analítico; esteja pronto para expandir seu horizonte com novas ideias, seja da direita, da esquerda ou do centro ideológico; rejeite qualquer caricatura ou crítica banal daqueles com quem você discorda naturalmente; e veja o que pode ser aprendido com cada uma das quatro buscas pelo Jesus histórico. E se a proposta de um caminho adiante, oferecida na segunda metade desta obra, não for satisfatória, por favor não apenas censure, mas proponha “um caminho ainda mais excelente”!

A BUSCA ORIGINAL PELO JESUS HISTÓRICO

Uma porção significativa do estudo acadêmico do Novo Testamento, nos últimos 250 anos, aproximadamente, foi dedicada à investigação da vida de Jesus de Nazaré. Em 1910, o título em língua inglesa atribuído à tradução da pesquisa magistral de Albert Schweitzer sobre os estudos do final do século 18 e durante o século 19 acerca do tema, publicado quatro anos antes em alemão, legou ao mundo *The quest of the historical Jesus*.¹ Desde então, historiadores muitas vezes tiveram a impressão de que a investigação de Schweitzer também levou a termo uma era, ou uma etapa da busca pelo Jesus histórico. Este capítulo apresentará, primeiramente, um apanhado de maneiras comuns pelas quais a história dessa busca original é recontada. Depois, destacará alguns acréscimos e correções importantes que precisam ser feitas àquela história, tanto no que diz respeito a estudiosos específicos quanto a tendências gerais. Por fim, será sugerido o que se deve entender por “o Jesus histórico”. Essas três tarefas revelarão que a busca original se valeu em peso, e às vezes exclusivamente, dos Evangelhos Sinóticos — Mateus, Marcos e Lucas. Menos conhecidas são as diversas abordagens em relação ao Evangelho de João nessas investigações; portanto, a quarta tarefa do capítulo será investigar essa disparidade e a lógica das várias perspectivas que ela revela.

A narrativa usual

Uma forma tradicional de contar a história da busca original pelo Jesus histórico poderia ser apresentada da seguinte maneira.² O primeiro acadêmico a

¹Albert Schweitzer, *The quest of the historical Jesus: a critical study of its progress from Reimarus to Wrede* (London: A. & C. Black, 1910) [publicado em português por Fonte Editorial sob o título *A busca do Jesus histórico*]. O volume em alemão era *Von Reimarus zu Wrede: eine Geschichte der Leben-Jesu-Forschung* (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1906) — i.e., “De Reimarus a Wrede: uma história da investigação da vida-de-Jesus”.

²É claro que a escolha do número de estudiosos de renome é uma variável importante, bem como a extensão de sua análise do tema. Para um excelente equilíbrio e síntese, veja Ralph P.

empreender uma investigação crítica rigorosa sobre o Jesus da história foi um professor alemão de Hamburgo, *Hermann Samuel Reimarus* (1694-1768). Rejeitando o sobrenatural, Reimarus abraçou o deísmo e o racionalismo. Ele acreditava que Jesus jamais teve a intenção de romper com o judaísmo, que pregava a vinda iminente do reino de Deus neste mundo (a ser estabelecido por meio de métodos políticos), que morreu sem alcançar seus objetivos e que foi proclamado ressurreto por seus discípulos, os quais roubaram e esconderam seu corpo.³ Reimarus atacou o cristianismo tradicional; no entanto, consciente de quão controversa seria sua obra, recusou-se a publicá-la durante sua vida. Ao mesmo tempo, ele desejava promover a teologia natural e a tolerância na esfera pública.⁴ Assim, deixou seu manuscrito com um amigo, o bibliotecário de Wolfenbüttel, *Gotthold Ephraim Lessing* (1729-1781). Lessing viria a publicar sete excertos desse manuscrito, de forma anônima, entre 1774 e 1778; mas o filho de Reimarus reconheceu, mais tarde, que fora seu pai que os havia escrito.⁵ O próprio Lessing ficou particularmente conhecido na história da religião e da filosofia por sua afirmativa de que “verdades acidentais da história jamais podem provar as verdades necessárias da razão”.⁶ Segundo Lessing, como a religião precisava se fundamentar na razão, aquilo que pudesse ser resgatado historicamente acerca de Jesus não teria vínculo necessário com a fé. Havia, entre os dois, um “fosso amplo e horrendo”.⁷

Martin; Carl N. Toney, *New Testament foundations: an introduction for students* (Eugene: Cascade, 2018), p. 196-202, bem como a bibliografia citada na obra.

³Hermann Samuel Reimarus, *Fragments*, edição de Charles H. Talbert, tradução para o inglês de Ralph S. Fraser (Philadelphia: Fortress, 1970 [orig. alemão 1768]). Per Bilde argumenta que houve progresso, mas somente entre os estudiosos que “aprofundaram e ampliaram” as ideias de Reimarus, enxergando Jesus, especificamente, como um profeta apocalíptico (“Can it be justified to talk about scholarly progress in the history of modern Jesus research since Reimarus?”), in: Samuel Byrskog; Tobias Hägerland, orgs., *The mission of Jesus: second nordic symposium on the historical Jesus, Lund, 7-10 October 2012* [Tübingen: Mohr Siebeck, 2015], p. 5-24). Em outras palavras, Reimarus trouxe à tona todos os problemas e abordagens adequados logo no início da busca.

⁴Jonathan C. P. Birch, “Reimarus and the religious Enlightenment: his apologetic project”, *ExpTim* 129 (2018): 245-53.

⁵Andrew Arterbury, “Hermann Samuel Reimarus”, in: Craig A. Evans, org., *Encyclopedia of the historical Jesus* (New York: Routledge, 2008), p. 496.

⁶Gotthold Ephraim Lessing, “On the proof of the Spirit and the power”, in: Henry Chadwick, org., *Lessing's theological writings: selections in translations* (Stanford: Stanford University Press, 1957 [orig. alemão 1777]). p. 56. Tradução para o português disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbfi/article/view/43479/34801>, acesso em: 11 out. 2023.

⁷Para uma breve exposição e crítica, veja Geoffrey Bromiley, “History and truth: a study of the axiom of Lessing”, *EvQ* 18 (1946): 191-8.

Um dos mais formidáveis adversários de Reimarus foi também um personagem central no desenvolvimento de uma abordagem historicamente rigorosa do Novo Testamento: *Johann Salomo Semler* (1725-1797). Embora rejeitasse as conclusões radicais de Reimarus sobre a vida de Jesus, ele insistiu na “libertação” da Bíblia dos dogmas tradicionais, incluindo a inspiração divina, e que a Bíblia fosse tratada como uma coletânea qualquer de livros de autoria humana.⁸ A maior parte dos interesses de Semler se concentraram na reavaliação do cânon das Escrituras. *Johann David Michaelis* (1717-1791), contemporâneo de Semler, tornou-se o primeiro a escrever uma introdução ao Novo Testamento, que abarcava a abordagem de questões acerca do contexto histórico e das contingências de diversas seções, livros e autores do Novo Testamento.⁹ À luz dos parâmetros de hoje, nenhum desses autores pareceria tão radical, mas, em sua época, apresentavam desafios sem precedentes para um mundo cristão não acostumado a questionar a tradição da igreja dessa forma.

A escola racionalista de pensamento alcançou seu apogeu, ao menos no que tange à sua abordagem da vida de Jesus, com os escritos de *Heinrich Eberhard Gottlob Paulus* (1761-1851). Paulus apresentou explicações racionais para todos os milagres de Jesus. Ele alimentou os cinco mil incutindo um espírito de compartilhamento do alimento que as pessoas, na verdade, teriam levado; ele parecia andar sobre as águas, mas, na verdade, estava na praia ou em locais muito rasos do lago; ele nunca efetivamente morreu na cruz, conseguindo, assim, reviver e, mais tarde, foi resgatado do túmulo por seus seguidores.¹⁰ Paulus acreditava que estava ajudando a recuperar os relatos do evangelho para um mundo pós-Iluminismo, de forma que sua verdadeira ênfase estava no ensino moral e nos motivos e intenções interiores de Jesus que a humanidade deveria replicar.¹¹

Um estudioso mais conhecido no universo da filosofia do que entre os teólogos, *Friedrich Schleiermacher* (1768-1834) abarcou, na verdade, ambas as

⁸Werner Georg Kümmel, *The New Testament: the history of the investigation of its problems*, tradução para o inglês de S. MacLean Gilmour; Howard C. Kee (Nashville: Abingdon, 1972; London: SCM, 1973), p. 62-9.

⁹Johann David Michaelis, *Introduction to the New Testament*, tradução para o inglês de Herbert Marsh (Cambridge: Rivington, 1793 [orig. alemão 1750]).

¹⁰Warren S. Kissinger, *The lives of Jesus: a history and bibliography* (New York: Garland, 1985), p. 18-9.

¹¹Russell Morton, “Quest of the historical Jesus”, in: Evans, *Encyclopedia of the historical Jesus*, p. 473. Veja tb. William Baird, *History of the New Testament research*, vol. 1, *From Deism to Tübingen* (Minneapolis: Fortress, 1992), p. 208.